

**GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: 10 Anos!!**

**GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: 10 Años !!**

**GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: 10 Years !!**

Os planos do Conselho Editorial para as comemorações dos 10 anos de *Germinal* eram ambiciosos!! Avaliávamos que esta primeira década deste instrumento de luta não poderia passar sem um adequado balanço das condições em que vimos produzindo *Germinal*. Pretendíamos realizar um documentário retratando a história da Revista, com depoimentos de editores, autores e leitores que a vêm construindo. A falta de recursos e as demandas da conjuntura impossibilitaram a conclusão deste intento que fica aguardando melhor oportunidade. O que fazer? Decidimos direcionar o balanço à seção *Entrevista*, avaliando que a alternativa mais correta era trazer as posições dos membros do Conselho Editorial da *Germinal* sobre estes dez anos. Convocamos a todos os membros do Conselho para a resposta ao roteiro elaborado sob encomenda pelos professores Lucelma Silva Braga (UFMA), Marcelo Pereira de Almeida Ferreira (UFPA), Hugo Rodrigues e Leandro Sartori Gonçalves (UNICAMP), Rogério Massarotto (UEM) e Itamar Silva de Sousa (UNEB). Responderam ao roteiro e à proposta de balanço por parte do Conselho, Elza Margarida de Mendonça Peixoto, Maria de Fátima Félix Rosar, Paulino Orso, Celi Nelza Zulke Taffarel e José Claudinei Lombardi. O resultado é um interessante balanço das condições nas quais *Germinal* surge e dos desafios para a sua produção e permanência.

Maria de Fátima Felix Rosar

***Germinal: Celebrando 10 anos da Revista Germinal – neste ano em que comemoramos os 200 anos do nascimento de Marx, neste ano de acirramento do anti-marxismo e do anticomunismo – qual avaliação podemos fazer dessa iniciativa em relação ao projeto original que a fundou, situado na conjuntura que o levou a surgir, e a atual conjuntura?? O projeto permanece válido? Quais alterações seriam necessárias para atualiza-lo??***

**Rosar:** Na última década do século XX e nas duas primeiras décadas dos anos 2000, evidenciou-se uma progressiva onda de disseminação do pensamento pós-moderno, que se difundiu em meio ao avanço das políticas neoliberais, fortemente expandidas como um dos efeitos da ação do capitalismo, sob a sua forma financeira, para relativizar, do ponto de vista ideológico, a crise estrutural materializada em regiões centrais e periféricas do sistema mundial capitalista. Em 1999, Perry Anderson em sua obra bastante divulgada no Brasil: *As origens da pós-modernidade*, faz uma ênfase sobre a relação desse conceito relativo a uma situação

histórica e social articulada à própria condição do desenvolvimento do capitalismo, fazendo o resgate da genealogia do conceito derivado do modernismo na literatura e nas artes, para dialogar com os autores originais da América hispânica (Guatemala, Nicarágua, Peru), que lideravam um movimento estético de caráter político, no sentido de ganharem autonomia e independência cultural face à Espanha. Produzia-se, segundo Jameson, com quem Anderson estava também dialogando, uma visível determinação sobre os aspectos socioeconômicos, políticos e culturais, que, entretanto, passaram a ser interpretados, principalmente por Lyotard, como amplas possibilidades favoráveis ao surgimento de novas formas de expressão e comunicação, por meio de redes, e também como referência teórica para uma necessária guinada metodológica, sinalizadora do fim das metanarrativas, ainda que se tornasse cada vez mais profundo o condicionamento econômico em todas as dimensões da sociedade. Ocorre que no Brasil, como uma evidente manifestação da “tradição renovada” de certa tendência ao mimetismo teórico que, de modo geral, perpassa pelas “academias”, tornou-se imperativa a recepção e divulgação do pós-modernismo, de tal modo que foram travados fortes debates e polêmicas, de modo geral, tendo como alvo os adeptos do marxismo, denominados correntemente de “dinossauros”, porque considerados ultrapassados e anacrônicos, em suas posições teóricas, práticas e políticas. Caracterizou-se desse modo uma conjuntura ao mesmo tempo muito favorável à circulação das concepções de pós-modernismo e, naturalmente, desfavorável ao pensamento marxista, principalmente, em decorrência das reformas neoliberais que se materializaram nos governos FHC, Lula da Silva, e Dilma Roussef, embora em cada um deles, tenham se aplicado graus diferenciados de discriminação dos órgãos oficiais de fomento à pesquisa e dos meios de comunicação e publicação de artigos e produções dos intelectuais críticos ao capitalismo e ao neoliberalismo.

Nesse contexto, em 2008, foi realizado na Faculdade de Educação da Unicamp, um seminário focado no tema Modo de produção e educação, do qual surgiria o projeto de criação de uma Revista científica dedicada ao debate do marxismo e da educação, concebida como uma possibilidade de aglutinar e difundir produções relevantes e críticas, na área da educação, para recolocar questões teóricas fundamentais ao entendimento da natureza histórica da educação, no contexto do modo de produção capitalista. Após 10 anos de sua existência, as tendências de combate ao marxismo têm se mostrado mais permanentes e potentes, porque não estão mais apenas localizadas nas universidades e nos órgãos de fomento à pesquisa e em algumas associações de pesquisadores mais conservadoras. Existem evidências de um processo de “popularização” de um movimento de caráter conservador, retrógrado e reacionário que tem se mostrado agressivo em relação à educação, por diferentes meios, principalmente, na tentativa de subjugar os professores e pesquisadores críticos a um paradigma anti-intelectual, anticientífico e antidireitos humanos de caráter universal, como o direito de expressão de ideias de forma livre, por meio de ameaças e da proposição de projetos de lei como o “Escola sem Partido”, combatido pelos setores críticos como uma proposta que não pode ser aceita, pois é preciso assegurar o direito ao conhecimento em todas as suas dimensões. Nesse contexto, manter, fortalecer e trabalhar no sentido de expandir-se a circulação da Revista *Germinal* nos cursos de formação de educadores, parece um imperativo que se apresenta aos

marxistas pelo próprio agravamento da crise manifestada na história recente, cujos efeitos atingem, como sempre ocorreu, predominantemente, apenas os segmentos mais empobrecidos do país e do mundo.

*Apesar da forte ofensiva, o pensamento marxista continua presente e, vem conquistando espaço a exemplo das sistemáticas publicações da Boitempo, do Marxismo21, a realização dos Encontros Brasileiros de Educação e Marxismo e a própria Revista Germinal. Em termos de perspectivas, quais os possíveis impactos deste momento conjuntural para a publicação da Germinal e a formação do pensamento marxista como um todo?*

**Rosar:** Na atual conjuntura, as condicionalidades que imporão condições cada vez mais adversas aos setores críticos marxistas, poderão tornar cada vez mais difícil a tarefa de se manter as publicações existentes, entretanto por outro lado, essa conjuntura poderia também sugerir aos grupos de autores e pesquisadores, professores e estudantes que se filiam à vertente do pensamento marxista, a organização de um movimento de produção associada para gerar alternativas de financiamento articulado e coletivo. Talvez, a criação de fundos de financiamento para a resistência pudesse converter alguns dos elementos da crise, em perspectivas de trabalho diferenciado, em relação ao que se tem realizado, de forma mais particular e, em grande parte, isolada, por cada revista, por cada grupo de editores. A sugestão que poderia ser levada a debate diz respeito à própria possibilidade de sobrevivência do trabalho de publicação dos setores críticos, se considerarmos que esse movimento decorre de uma onda mais ampliada, em todos os continentes, de submissão das formas de expressão ao controle do capital, em seu movimento veloz de expansão sobre a produção material e imaterial por meio das redes de mídias eletrônicas. Essa poderia ser uma iniciativa da própria Revista Germinal em diálogos a serem realizados com Editoras, Blogs, Revistas a fim de realizar um Encontro Nacional dedicado a essa temática, pois, sob minha avaliação, sem que exista densidade quantitativa e qualitativa assegurada ao movimento de resistência e oposição, as perdas para os setores críticos se aprofundarão.

*Quais foram as principais dificuldades para manter a revista ativa? Quais os desafios para mantê-la no futuro? Como a institucionalização da produção científica atual, fundada na perspectiva do “publique ou pereça” e as constantes avaliações de periódicos por parte da CAPES, interferem na produção da Revista Germinal?*

**Rosar:** (Na resposta anterior, em certa medida se contempla o item dos desafios para mantê-la, considerando que não haverá cobertura para esse tipo de publicação no orçamento das universidades).

*Quem é o público da revista?? O projeto pode ser considerado bem sucedido do ponto de vista do enraizamento na formação dos educadores marxistas? Qual o papel que Germinal cumpre no debate educacional brasileiro? Ela tem contribuído para disseminar o debate marxista da*

*educação? Nesse bojo, a revista **Germinal** pode ser considerada um espaço de luta ideológica tático para a educação brasileira?*

**Rosar:** Sem dúvida, a manutenção da Revista *Germinal* durante uma década constitui um indicador importante da sua disseminação nos espaços de formação de educadores marxistas, pois, do contrário, nem se teria assegurado a constância do trabalho dos autores e editores, como grupos de trabalho que continuaram a se expandir a cada novo número publicado. Por outro lado, a sua contribuição para o debate marxista da educação se verifica pelo espectro construído, a partir das temáticas que foram contempladas em cada número editado pela *Germinal*, vislumbrando-se por meio dessa organização a materialidade do método do materialismo histórico-dialético. Nessa perspectiva, a revista *Germinal* pode ser considerada como um espaço de luta ideológica tático para a educação brasileira, que depende dessa e de outras revistas importantes, como a Revista *Histedbr On Line*, para a difusão do pensamento crítico marxista, como mais um instrumento de veiculação da disputa entre as concepções liberais, neoliberais e marxistas no âmbito da educação nacional.

***Germinal: A Revista alcançou a classe trabalhadora?? Quais são os principais desafios da Revista nas lutas da classe trabalhadora travadas na formação social brasileira?***

**Rosar:** Desconheço se ela foi utilizada, por exemplo, nos Cursos de Pedagogia do Campo, mas poderia ser uma forma de assegurar a ampliação da influência da Revista em alguns setores da classe trabalhadora. Exceção feita aos trabalhadores da educação, contingente imenso que pode ter sido alcançado no âmbito dos cursos de ensino superior, não sei se houve esse alcance, de modo generalizado, em relação à classe trabalhadora.

***Germinal conseguiu internacionalizar-se na relação com a América Latina?? Quais tem sido os limites para este diálogo?***

**Rosar:** Tentei contribuir, de modo limitado, repassando contatos que pareciam promissores, em relação a autores da Argentina e do Chile. Não me consta se houve ou não um contato dos editores de *Germinal* com esses intelectuais. Outro meio de garantir essa internacionalização seria no âmbito dos convênios de programas de pós-graduação em educação com universidades latino-americanas. Durante o funcionamento da universidade federal de integração latino-americana esse diálogo poderia ter sido estreitado, o que certamente pode ter ocorrido por meio dos companheiros de Cascavel e Foz do Iguaçu.

***Germinal: Sob a perspectiva de que fazemos história nas condições que nos foram legadas pelo passado, o que esperar a partir de Janeiro de 2019?***

**Rosar:** O cenário que se delinea no horizonte de 2019 não deixa dúvida sobre os efeitos do capitalismo no modo de funcionamento das sociedades de classe. Essa conjuntura decorre da efetivação da dominação mundial e imperialista do capitalismo sobre as classes trabalhadoras em todos os continentes. Os meios usados para aprofundar essa dominação têm se sofisticado, fazendo o ajuste das instituições aos objetivos que são definidos, de tal forma que possam se potencializar os instrumentos de extração da mais valia-relativa, ao tempo em que se extrai a energia potente de transformação de um grande segmento da juventude, atingida pela ideologia dominante, pelo esvaziamento de suas perspectivas de trabalho e pela sua escravização subjetiva aos imperativos das redes de difusão das práticas de luta moderna, que incitam à violência e ao sufocamento dos desejos de emancipação, ao se tornarem reféns das redes de comando centralizado da máquina do estado e do mercado capitalistas. Em sua forma avançada de operacionalização do neoliberalismo associado ao autoritarismo e aos elementos fascistas utilizados na guerra de posição engendrada pelas instituições, corporações, empresas privadas de educação, existe uma finalidade que se pode apreender: subverter o pensamento potencialmente revolucionário dos jovens em pensamento reacionário e conservador contra os movimentos de libertação e de construção do socialismo. Para enfrentar os ogros que se multiplicam no final dessa segunda década do século XXI, será necessário ampliar as formas coletivas de luta em nível nacional e internacional, porque as últimas batalhas têm exposto a fragilidade dos processos que se mantêm na superfície de ações engendradas como atos de expressão de boa vontade política, sem condições objetivas suficientes, para que se ampliem as trincheiras ideológicas e políticas.